ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA
E NUMISMÁTICA
DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 66

AGOSTO DE 2012

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC
Fone/fax: (48)3222-2748

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

A **AFSC** é filiada à **FEBRAF** - Federação Brasileira de Filatelia,
à **FEFIBRA** - Federação dos Filatelistas do Brasil,
e à **FEFINUSC** - Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina.

DIRETORIA eleita em julho de 2012 para o período de agosto/2012 a agosto/2013:

Presidente:	Luis Claudio Fritzen
Vice-presidente:	Ernani Santos Rebello
Primeiro secretário:	Vitor Charles Capistrano
Segundo secretário:	Demétrio Delizoicov Neto
Primeira tesoureira:	Lucia de Oliveira Milazzo
Segundo tesoureiro:	Hugo Nestor Ciavattini
Diretor de Sede:	A ser eleito em agosto/2012

Conselho fiscal:

Rubens Moser	Daniela Suzuki (Suplente)
Sérgio Laux	João Alberto Brasil (Suplente)
Milton Milazzo Jr	Romeu Odilo Trauer (Suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores. Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes em Florianópolis, com idade a partir de 18 anos	R$60,00
Juvenis - com idade inferior a 18 anos	R$10,00
Correspondentes no Brasil - residentes fora de Florianópolis	R$30,00
Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil	US$ 35,00

Associe-se! Envie-nos cópia preenchida da ficha de inscrição (página 34).

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Nós, da AFSC, sentimos a liberdade e garantia plena de dizer que, há muito tempo, as reuniões semanais da nossa Associação deixaram de ser um simples acontecimento filatélico de praxe para se tornarem uma boa e irresistível mania. Conversas agradáveis, permeadas com risadas, comentários espirituosos, discussões técnicas, algumas eventuais críticas ácidas são gostos sempre presentes. Tudo em prol do desenvolvimento do colecionismo. Dispomos, na sede de nossa entidade, de um bom acervo para pesquisa, notadamente de catálogos especializados. Trazemos novas informações do que ocorre em outros locais, permutamos listas de leilões e ofertas de comerciantes, consideramos as publicações de outras entidades, de exposições e cremos que o melhor caminho para o sucesso é a comunicação.

Dessa imersão, de diferentes ideias, de pesquisas desenvolvidas, nasce o compromisso de contemplar a multiplicidade de interesses de nosso periódico: Santa Catarina Filatélica.

Como nossos leitores devem ter percebido, refletimos os mais variados aspectos da numismática, da filatelia e de outras formas de colecionar. Somos fascinados por pontos de vistas diferentes, por conhecimentos, por salutares debates, por pesquisa pontual e pela interlocução. Logo, esperamos, também, que nos textos de nossos colaboradores esteja expressa parte de nossa habitual convivência.

Luis Claudio Fritzen - Presidente da AFSC

ÍNDICE GERAL

Waterlow & Sons[1] *impressores de papel-moeda e outros documentos de segurança (1810-1961*[2]*)*

Márcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)

Figura 1 – Propaganda da Waterlow & Sons, empresa inglesa de impressão de papel-moeda, selos postais, cheques, certificados de ações e outros documentos de segurança (cerca de 1850).

A empresa

Waterlow & Sons, empresa gráfica e impressores de papel-moeda, selos postais, cheques, certificados de ações e outros documentos de segurança (1810-1961). Ainda fabricava prensas, cofres e máquinas de impressão.

A empresa foi fundada em Londres em 1810 por *James Waterlow*. James era copista de leis para firmas jurídicas e, com o surgimento da litografia, técnica inventada por *Alois Senefelder* em 1796 na Alemanha, houve a possibilidade de substituir a cópia pela impressão litográfica.

1 Inicialmente tínhamos a intenção de escrever uma matéria sobre a questão das cédulas portuguesas de 500 escudos (P.130), tipo Vasco da Gama, que foram impressas pela *Waterlow & Sons* mediante fraude praticada por Artur Virgílio Alves dos Reis, constituindo-se em um dos maiores crimes contra a moeda jamais descoberto. Verificando a existência de diversas matérias sobre esta questão, optamos, além de descrever o ocorrido, enfocar em primeiro plano a história da empresa impressora.

2 As datas são concernentes ao estabelecimento da empresa e a sua extinção como fabricante de papel-moeda, adquirida que foi, na parte de impressão de valores, pela *De La Rue Company Limited* (*Thomas de La Rue & Company Limited* , atual *De La Rue plc*), antiga concorrente. A outra parcela da empresa continuou em atividade até sua extinção completa em meados de 2004.

Assim foi criada a empresa *Waterlow & Sons*, utilizando-se a técnica da litografia para a reprodução de documentos jurídicos evitando-se com isso um trabalho árduo de compilação. A empresa contava com a participação dos filhos Alfred, Walter, Sydney e Albert.

De acordo com a história oficial da família[3], temos:

> *"houve uma mudança na sorte deles quando conceberam a ideia de utilizar a litografia e a impressão como substitutos da cópia, sempre que se tornavam necessárias muitas cópias de documentos jurídicos, assim economizando tempo e despesas... Não obstante a objeção dos papeleiros, o Almirantado e o Juizado aprovaram a inovação. Nesse ínterim ele dera participação na sociedade aos filhos Alfred, Walter, Sydney e Albert..."*

Segundo a genealogia da família, o primeiro *Waterlow* a chegar à Inglaterra foi *Walran Waterlow*, natural de Lille (França) que emigrou para Canterbury em 1625 fugindo da perseguição religiosa advinda da revogação do Edito de Nantes, que havia conferido aos huguenotes igualdade de direitos políticos em relação aos católicos. Mais tarde, transferiu-se para Londres para reunir-se com outros parentes vindos na mesma ocasião.

A empresa prosperou lentamente e, em 1844, contava com vinte empregados. Com a maré da Revolução Industrial, Alfred vislumbrou uma formidável oportunidade. Juntamente com os irmãos, projetou maquinário adequado à impressão de horários e de bilhetes para as ferrovias. Além das ferrovias, havia uma expansão geral dos negócios e em particular, dos bancos, das companhias de seguros, dos transportes marítimos, etc., todos estes consumidores vorazes de material impresso e de segurança. Neste período a empresa teve um grande desenvolvimento.

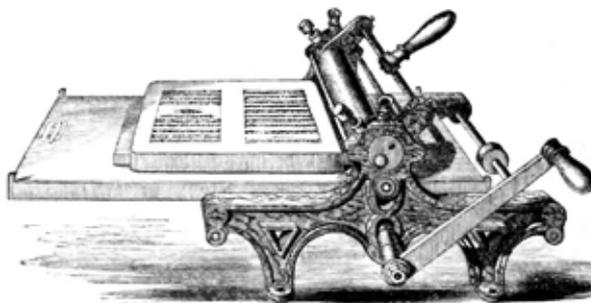



Figura 2 – Prensa litográfica fabricada por Waterlow & Sons, cerca de 1855. Estas pequenas máquinas eram vendidas para a impressão de panfletos, anúncios, publicidade, etc.

Em 1877, após a morte do fundador, a empresa separou-se em duas sociedades.

O filho mais velho, Alfred, juntamente com os três filhos, Alfred Jr., Hebert e Walter, constituíram a firma ***Waterlow Brothers and Layton.*** Layton havia se associado à empresa em 1839. Esta firma ficou de posse da maioria das patentes e do material de impressão.

A outra firma, constituída por Sir Sidney Waterlow[4] e seus filhos, Philip, George e Charles,

---

3 *Under Six Reigns, the House of Waterlow* (A Empresa *Waterlow* durante Seis Reinados), por *John Boon*, editado em 1925 para comemorar os 114 anos da empresa e o 300° aniversário da chegada do primeiro *Waterlow* à Inglaterra.

4 Foi na sequência, Xerife, Vereador e Prefeito da *City* de Londres e depois membro do Parlamento.

denominou-se ***Waterlow & Sons Ltd.*** Esta firma ficou com a impressão original do material ferroviário (o que possibilitou o crescimento da empresa) e mais a impressão do papel-moeda estrangeiro e de selos que a empresa original havia iniciado em 1850.

Ambas as empresas progrediram separadamente e sem atritos até 1920, ano em que foram reunidas. A unificação das empresas está relacionada ao fato de que, o neto de Alfred[5], *Willian Alfred Waterlon* (1871 - 1931), haver notado que a impressão de papel-moeda era um negócio promissor. Ele, como diretor-gerente da *Waterlow Brothers & Layton,* fez a empresa prosperar na impressão de papel-moeda com lucros maiores que a empresa dirigida pelos primos.

Em 1914, *Willian Alfred Waterlow* tornou-se presidente da *Federation of Master Printers of Great Britain* (Federação dos Mestres Impressores da Grã-Bretanha).

Naquele mesmo ano conseguiu obter uma encomenda do Tesouro Britânico, de cem milhões de libras em notas de uma libra (P.347), mediante a promessa de entregar os primeiros quatro milhões de cédulas dentro de cinco dias.

A encomenda emergencial foi realizada em 2 de agosto de 1914[6] e no dia 6 de agosto, quando os bancos reabriram, puderam contar com dois milhões e meio de libras em cédulas de um libra.[7] Estas cédulas foram impressas com papel destinado a selos postais, quebrando uma tradição de quase duzentos anos, eis que as cédulas do Banco da Inglaterra vinham sendo impressas desde 1724 em papel de linho.

Além do papel, as novas cédulas eram menores do que as tradicionalmente emitidas e traziam a assinatura de Sir John Bradbury, secretário do Tesouro, passando a serem chamadas de *"Bradburys"*.

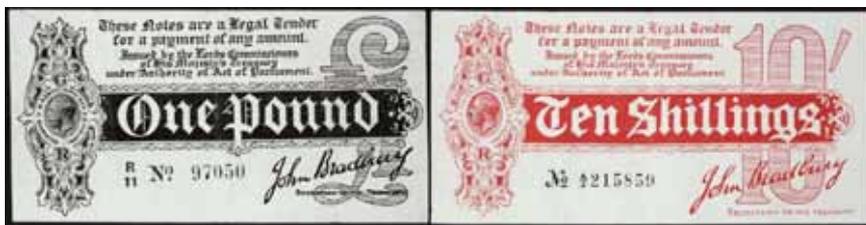



Figura 3 – À esquerda temos 1 libra (P.347) de agosto de 1914 (127 X 63 mm) e à direita, 10 xelins (P.346) também de agosto de 1914 (127 X 63,5 mm), ambas unifaciais e impressas por Waterlow & Sons com papel destinado a selos postais ante a premência do tempo de guerra.

Na pressa para realizar a entrega, alguns maços de cédulas haviam sido empacotados com cintas inteiras das novas cédulas, fato este que seria imperdoável para um impressor de papel-moeda em condições normais, considerando que este material não repertoriado poderia ter sido utilizado de maneira indesejada, apesar de, ao que tudo indica, não conterem as chancelas e a numeração. No entanto, as cédulas garantiram o funcionamento dos bancos.

Algum tempo depois conseguiram uma encomenda de cédulas de 10 xelins que partilharam com a concorrente e futura adquirente *Thomas de La Rue & Company* (atual *De La Rue plc*).

5 Dirigente da empresa *Waterlow Brothers and Layton.*

6 Dia em que a Alemanha declarou guerra à Rússia

7 Foram também impressas cédulas de 10 xelins (P.346) na mesma oportunidade ou pouco depois neste mesmo mês de agosto de 1914, desconhecemos a quantidade.

Com as novas encomendas de papel-moeda, a firma construiu uma nova fábrica de cédulas em *Waterford*. Nesta mesma época imprimiram também cédulas para bancos privados escoceses e ingleses. Estes últimos perderam o privilégio de emissão em 1921.

Em janeiro de 1919 *Willian Waterlow* foi agraciado com o título de Cavaleiro Comendador da Divisão Civil da Ordem do Império Britânico, por serviços prestados à Coroa durante a Guerra. Passava agora a ter um tratamento formal, *Sir William Alfred Waterlow*.

A condecoração vinha pelos serviços prestados à Coroa durante a Grande Guerra, consistindo na impressão de papel-moeda acima aludido e ainda em determinados serviços para o *British Secret Service* (Serviço Secreto Britânico), ou seja, falsificações. Estes trabalhos para o Serviço Secreto foram: imitação de selos da Alemanha, da Áustria e da Baviera, que foram utilizados em envelopes com propaganda aliada e numa operação secreta em 1917, quando os gravadores de *Waterlow* preparam matrizes para a falsificação de cédulas alemãs.

A solicitação a *Waterlow* para realizar os trabalhos para o Serviço Secreto Britânico na verdade foi uma convocação[8], ou seja, ele não poderia declinar desta obrigação, digamos, patriótica.

Como vimos, com a prosperidade obtida por *Waterlow Brothers & Layton* durante a Grande Guerra, já em princípios de 1919 foram iniciadas as conversações para a fusão das empresas o que veio a ocorrer em 21 de janeiro de 1920.

O novo presidente da firma era *Sir Philip Waterlow*. Seu filho *Edgar* e *Sir Willian Waterlow* tornaram-se diretores-gerentes associados. Com a fusão, *Sir Willian* passou para uma posição secundária. O primo Edgar seria naturalmente o sucessor o que, surpreendentemente, não veio a ocorrer em virtude de uma ação judicial intentada pela *Thomas de La Rue & Company*.

Thomas de La Rue & Company e *Waterlow & Sons* haviam celebrado um acordo secreto no sentido de não fazerem concorrência mútua na obtenção de contratos de impressão com o Governo Britânico. Assim, a empresa escolhida concederia à outra uma percentagem nos lucros. Os pagamentos haviam sido feitos várias vezes por ambas as empresas desde 1913, porém, durante os anos de 1919 e 1920, *Sir Philip Waterlow* se furtou ao pagamento e ainda pior, embolsou indevidamente os pagamentos realizados por *Thomas de La Rue & Company*.

Desta forma, em 9 de novembro de 1923, *Sir Willian Waterlow* tornou-se Presidente e Diretor-Gerente associado de *Waterlow & Sons*, após o afastamento de *Sir Philip*[9] da Presidência.

Sir Willian Waterlow deixou a empresa em 1927, assumindo a presidência o primo *Sir Edgar Waterlow* (filho de *Sir Philip*). Continuou, entretanto, no conselho diretor de empresa até 1928. O afastamento de *Sir Willian* da Presidência da empresa está relacionado à questão das cédulas portuguesas[10] que descreveremos mais adiante.

A par dos assuntos da empresa, *Sir Willian Waterlow* pretendia ser *Lord Mayor* (Prefeito) de Londres, o que veio a ocorrer em 1929.

Em 1934 a *Waterlow & Sons* possuía seis fábricas em Londres, uma em *Watford* e uma outra em *Dunstable*. Tinha cerca de 5000 empregados.

---

8 Situação semelhante ocorreu com *Thomas de La Rue & Company* durante a 2ª Guerra Mundial, no caso das cédulas da Tailândia, em que foram obrigados pelo Governo Britânico a imprimir cédulas tailandesas sem autorização daquele governo que se encontrava sob a esfera japonesa. Estas cédulas não chegaram a circular, eis que, "por sorte" o avião misteriosamente caiu, nunca chegando ao seu destino.

9 Em 1923, no momento da « aposentadoria » ele contava com 60 anos de atividade na empresa.

10 Caso conhecido como *"Angola e Metrópole"*.

No relatório da *British Commerce and Industry – The Post-War Transition 1919-1934*, de 1934, existe um interessante relato sobre o caso do navio *SS Egype*, que havia naufragado em 1924 com um carregamento de cédulas impressas pela *Waterlow & Sons* com destino a um país do leste europeu. Após terem passado dez anos imersas, as cédulas foram recuperadas em perfeito estado de conservação, depois de ter sido retirado o lodo que as envolvia. As cédulas haviam sido impressas em marrom sobre papel branco e ainda não continham as assinaturas e nem a numeração.

Em uma reportagem do *The Times* de 13 de junho de 1932 sobre estas cédulas, temos: *"elas foram postas a secar, e secaram magnificamente, com as cores quase inalteradas depois de dez anos na água e aptas à utilização. Elas são uma esplêndida contribuição para demonstrar a qualidade de impressão dos Waterlows. As letras em preto estavam ainda perfeitamente claras, e não havia nem mesmo manchas entre uma cédula e outra".*

Naquele mesmo relatório do *British Commerce and Industry,* temos a descrição dos trabalhos da empresa, vejamos: *"Essencialmente, o trabalho dos Waterlows consiste na concepção e execução de impressão comercial de toda sorte. Cartazes, catálogos, brochuras, folders, propagandas, guias de viagens e etiquetas são produzidos em grande quantidade.* (...) *Existe um departamento especial destinado a publicações legais. Milhares de advogados dependem desta empresa para o aprovisionamento em artigos de papel, em livros de contas e formulários jurídicos. "The Solicitors' Diary*[11]*" foi publicado de forma ininterrupta por esta empresa durante oitenta e nove anos e "The Bankers' Magazine", fundado em 1844, foi publicado regularmente depois desta data".*

Figura 4 – Propaganda da Waterlow & Sons em formato de cédula (o que seria um reverso). No local destinado ao valor temos "CHEQUES, DRAFTS", "LETTERS OF CREDIT" "BILLS OF EXCHANGE", "SHARE WARRANS" "BANK NOTE ENGRAVER AND PRINTERS" e "DEBENTURES GOVERNMENT, BONDS, POSTAGE STAMPS". No centro "WATERLOW & SONS LIMITED" e abaixo o endereço no centro de Londres, "GREAT WINCHESTER STREET, LONDON, ENGLAND".

11 O Diário dos Procuradores.

Durante sua existência, a empresa imprimiu cédulas, selos postais, certificados de ações e outros documentos de segurança para diversos países, inclusive para o Brasil, sendo que pouquíssimas vezes conseguiu quebrar o monopólio quase completo da *American Bank Note Company.*

Até 1925, ou seja, anteriormente ao problema advindo com a impressão das cédulas portuguesas, a empresa encontrava-se numa posição privilegiada entre os maiores impressores de papeis de segurança. Desde o surgimento desta indústria de impressão até os anos 60 existiam cerca de 20 empresas neste ramo. Podemos citar entre as privadas: *American Bank Note Company* (ABNCo.), *Bradbury, Wilkinson & Co.* (BWC)[12], *Thomas de La Rue & Company* (TDLR)[13], *Waterlow & Sons Ltd.* (W&S), *Joh, Enschede en Zonen* [14](JEZ) e *Giesecke & Devrient*[15] (G&D).

Interessante notar que todas essas empresas forneceram cédulas para o Brasil.

Em 1890, a *Wartelow & Sons* forneceu cédulas para o Banco do Brasil (S533-S535) e para o Banco Nacional do Brasil (S627-S630). Em 1906, imprimiu cédulas para a Caixa de Conversão (R169-R173; P.94-P.98) e, em 1936, para o Tesouro Nacional (R130, R142, R153; P.59, P.71 e P.82).

Entre os selos tivemos belos exemplares impressos por *Waterlow & Sons.* Podemos citar a título de exemplo o de 200 e o de 2000 réis com uma bela imagem do Palácio Monroe e ainda outro de 10.000 réis com imagem do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Figura 5 – Selo de 200 réis (Palácio Monroe – Rio de Janeiro), 1937 (Scott, A143), impresso por Waterlow & Sons.

A *Waterlow & Sons,* depois de 1925, foi declinando nos negócios e em 1932 teve que pagar uma indenização de £ 610.392[16] ao Banco de Portugal, além das custas do processo, cerca £ 95.000. Pelo ocorrido e pelo declínio nos negócios, desapareceu como impressora de papéis de segurança em 1961, adquirida pela antiga concorrente, a também inglesa *De La Rue plc*., que é atualmente, segundo enunciado pela própria, a maior empresa de impressão neste ramo.

---

12 Foi adquirida pela americana ABNCo. em 1903 e vendida posteriormente (1986) para a *De La Rue plc* (antiga *Thomas de La Rue & Company*).

13 A partir de 1991 passou a se chamar *De La Rue plc (DLR)*.

14 Empresa holandesa, umas das mais antigas existentes.

15 Empresa alemã.

16 Em valores da época, correspondendo ao total das cédulas impressas menos as que foram recuperadas.

Figura 6 – Imagem capturada de um vídeo produzido em 31/07/1960, cujo título é "Money Markes" (Fabricantes de Dinheiro). Trata-se, provavelmente, da fábrica de Waterlow & Sons recentemente adquirida, na época, por Thomas de La Rue & Company (De La Rue plc). Na imagem temos um funcionário realizando a gravação em chapa de aço amolecido em prensa de transferência. A prensa contém a marca de Waterlow & Sons. A cédula que aparece no cilindro é a de 50 cruzeiros da 2ª estampa do Tesouro Nacional de 1960 ou anterior, impressas pela Thomas de La Rue & Company. [17]

A questão das cédulas portuguesas[18]

De acordo com o Art. 14 da lei de 29 de julho de 1887 que trata da constituição do Banco de Portugal, o mesmo tinha a licença exclusiva para emitir papel-moeda no país até o limite de duas vezes o capital realizado.

Em 1924, com o intuito de atender necessidades governamentais, o banco havia emitido papel-moeda na proporção de cem vezes o seu capital, e sempre que havia necessidade o Governo recorria ao banco, pedindo a emissão de mais dinheiro. Este expediente não era uma exclusividade de Portugal, sendo uma prática corrente em muitos países europeus no pós-guerra.

A partir de 1891, o papel-moeda português não era conversível em ouro ou prata e a única despesa para sua emissão era o custo da impressão. O resultado desta política foi a inflação. Em 1918, 8 escudos valiam 1 libra e em 1923 eram necessários 105 escudos para comprar a mesma libra.

O Banco de Portugal havia sido organizado nos moldes do ancestral de todos os bancos centrais, que é o Banco da Inglaterra. O banco inglês no que diz respeito ao recolhimento das cédulas de papel-moeda, procedia da seguinte forma: quando lhe era devolvida uma cédula, em qualquer estado de conservação, registrava-se o número de série e a mesma era retirada de circulação e incinerada. O banco português tinha uma prática um pouco diferente: recebia as cédulas, estas eram lavadas e repassadas e em seguida classificadas por série e número para uma nova utilização.

17 O vídeo pode ser visualizado em http://www.britishpathe.com/record.php?id=1118 e outras informações podem ser obtidas em http://sterlingnumismatic.blogspot.ca/2010/12/thomas-de-la-rue-video-1960.html.

18 O assunto é complexo e não abordaremos todos os detalhes deste caso, já que o objetivo maior aqui é contar um pouco da história do impressor *Waterlow & Sons*. Recomendamos a bibliografia anexa e o Fórum de Numismática http://www.forum-numismatica.com/, para maiores detalhes e discussões sobre este assunto.

Uma das explicações para esta prática é que as cédulas utilizadas pelo banco eram impressas no exterior, sendo uma fonte de evasão de divisas. Na época o fornecimento de cédulas para Portugal era garantido por *Waterlow & Sons* e principalmente por *Bradbury, Wilkinson & Co.*, subsidiaria autônoma da *American Bank Note Company* desde 1903, como vimos.

A impressão de papel-moeda permaneceu, praticamente, como monopólio das empresas[19] que detinham a tecnologia até meados da década de 60. Depois dessa época, por questões de economia e de segurança, muitos países passaram a fabricantes.

Em 4 de dezembro de 1924, um negociante holandês chamado *Karel Marang* dirigiu-se ao estabelecimento principal do grande império tipográfico dos *Waterlows*, situado na *Great Winchester Street*, em Londres. Nas proximidades estavam o Banco da Inglaterra, a Bolsa de Valores e as sedes das principais companhias de seguros. Neste dia fatídico, *Karel Marang* apresentou o contrato que viria dar causa, anos mais tarde, ao desaparecimento da empresa enquanto impressora de papel-moeda. Vinha acompanhado de alguns documentos: um cartão de visita que o identificava como Cônsul Geral da Pérsia em Haia, de uma carta do ministro português, também de Haia, de uma carta de apresentação de uma tradicional empresa de impressão holandesa, situada em Haarlem, a *Joh. Enschedé en Zonen* e ainda de um contrato mirabolante entre um sindicato holandês e o Banco de Portugal para ajudar a combalida Angola, então colônia portuguesa.

Marang apresentou-se ao diretor da empresa, *Sir Willian Waterlow,* que apesar de ser uma pessoa experimentada no campo dos negócios, acabou aceitando a encomenda de 200.000 cédulas de 500 escudos do Banco de Portugal, tipo Vasco da Gama (P.130), o que se constituiu em uma das maiores fraudes conhecidas contra a moeda.

Figura 7 – Anverso da cédula de 500 escudos (P.130) [20], inicialmente impressa para o Banco de Portugal em 1922, por Waterlow & Sons, num total de 600.000 cédulas. Mais tarde foram impressas 580.000 cédulas (200.000 do contrato inicial e 380.000 em uma segunda comanda), por este mesmo impressor, mediante fraude praticada por Artur Virgilio Alves Reis.

19 Situadas na Europa e nos Estados Unidos.

20 Imagem obtida na internet.

Para compreender o caso, devemos conhecer um pouco sobre Artur Virgilio Alves Reis, ou seja, aquele que planejou e executou todo o plano para a impressão fraudulenta das cédulas de 500 escudos, impressas pela empresa *Warterlow & Sons* em 1925.

Nascido em 1896, Reis chegou a Angola em 1916. Conseguiu um emprego no Departamento de Obras Públicas com a apresentação de um diploma falso de engenheiro da Universidade de Oxford, de uma escola inexistente, a *"Polytechnic School of Engineering"*.

Inteligente e habilidoso, sendo o único "engenheiro" de Oxford em Angola, conseguiu trabalho na Companhia de Estradas de Ferro. Chegou logo ao controle desta companhia e efetuou manipulações ilegais na bolsa com as ações da empresa.

Quando de seu retorno a Lisboa, o crime foi descoberto, ficando dois meses preso. Na prisão, concebeu um plano para a fabricação de dinheiro.

O primeiro passo foi falsificar um documento pelo qual um grupo de financistas holandeses emprestaria à colônia portuguesa de Angola a soma de um milhão de libras. Em compensação ser-lhes-ia conferido o direito de emitir papel-moeda para a Colônia em valor equivalente (cerca de 100 milhões de escudos portugueses). O contrato era ambíguo eis que o valor da emissão era o mesmo do empréstimo, não havendo nenhuma vantagem visível para a realização do negócio. Além do mais era inconcebível a ideia de que um governo soberano permitisse a um grupo estrangeiro emitir sua própria moeda.

O passo seguinte foi reunir um grupo de cúmplices, de modo que nenhum deles tivesse conhecimento global do projeto. Um deles, *Karel Marang,* ficou incumbido de se aproximar de uma companhia impressora de papel-moeda. Nos planos iniciais pensava-se em uma empresa alemã para a realização da impressão das cédulas e nunca as próprias impressoras do Banco de Portugal, na época *Waterlow & Sons* e *Bradbury, Wilkinson & Co.*, as duas situadas em Londres.

As cédulas a serem impressas seriam a de 500 escudos (P.129), que trazia a imagem do poeta João de Deus Ramos e a de 1000 escudos (P.126)[21] com a imagem de Luis de Camões. Estas duas cédulas foram impressas por *Bradbury, Wilkinson & Co.*, mas não apresentavam na margem branca a marca do impressor.

Como a impressão das cédulas na Alemanha se mostrou de difícil realização, *Karel Marang* procurou inicialmente o impressor holandês de papel-moeda *Joh. Enschedé en Zonen* de Haarlem, Holanda. Este impressor explicou-lhe que não poderia reproduzir o trabalho do outro impressor e indagou-lhe por que não recorria à própria firma que realizou a impressão.

Verificando as cédulas que estavam anexas ao contrato, as de 500 e 1000 escudos acima referidas, constatou que não havia, na margem branca, o nome da empresa impressora. Optou, assim, por outra cédula de 500 escudos (P.130), que possuía na margem branca o nome do impressor, qual seja, *Waterlow & Sons* de Londres.

Karel Marang era uma pessoa bem convincente, conseguiu ainda uma carta de apresentação da empresa *Joh. Enschedé en Zonen*, fundada em 1703, para ser entregue a Sir *Willian Waterlow*, presidente da *Waterlow & Sons*.

Como descrevemos acima, *Karel Marang* dirigiu-se a *Waterlow & Sons* em Londres e apresentou toda a documentação a *Sir Willian Waterlow* e explicou-lhe que seu sindicato

---

21 Desta cédula são conhecidos apenas dois exemplares, um encontra-se na Fundação Cupertino de Miranda e o outro foi vendido na Inglaterra, em 2008, por cerca de 15.000 Euros.

prontificava-se a adiantar a Angola um milhão de libras esterlinas e que em restituição, o Banco de Portugal lhe concederia o privilégio de uma emissão especial de papel-moeda. As cédulas de 500 escudos (P.130), tipo Vasco da Gama, que já haviam sido impressas para Portugal pela *Wartelow & Sons,* seriam utilizadas para uma emissão especial em Angola e receberiam um carimbo "Angola" logo que chegassem à Colônia. Explicou ainda que, por motivos políticos, esta emissão deveria permanecer secreta e que um vazamento de informações causaria sérias implicações.

Sir Willian Waterlow aceitou a negociação, sem mesmo comunicar aos demais colegas administradores. Tratava-se de mais uma oportunidade de fornecer papel-moeda a Portugal, já que a maioria dos contratos ia para a firma concorrente *Bradbury, Wilkinson & Co.*

Alves Reis ainda falsificou mais duas cartas do Banco de Portugal, aprovando a transação.

No início de 1925, 200.000 cédulas de 500 escudos foram impressas, a um custo de 1500 Libras.

Neste meio tempo, Alves Reis havia fundado um banco, o Banco Angola e Metrópole, com estabelecimentos em Lisboa e Porto que eram financiados pelas cédulas duplicadas. O Banco se desenvolveu bem, oferecendo dinheiro a taxas mais baixas do que os concorrentes.

Com o desenvolvimento dos negócios, foi passada uma nova comanda de cédulas a *Waterlow*, agora 380.000 cédulas.

Para cobrir os traços dessas operações ilegais com papel-moeda, Alves Reis começou a comprar as ações do Banco de Portugal para se tornar acionário majoritário e com isso tornar impossível aos oficiais do banco lançarem uma enquete sobre as cédulas duplicadas.

Para trocar as cédulas de 500 escudos eram realizadas operações de câmbio, principalmente na cidade do Porto, onde havia os exportadores de vinho. Com o aumento do meio circulante, houve muitos rumores de falsificação, mas quando eram examinadas as cédulas, constatava-se que eram verdadeiras.

Tudo ia bem, quando um contador de uma casa de câmbio do Porto resolveu informar ao Banco de Portugal que a casa de câmbio onde ele trabalhava não realizava a devida escrituração das cédulas provenientes do Banco Angola e Metrópole e que o segredo da prosperidade do banco era justamente que as cédulas que distribuía eram falsas. Na verdade nada sabia o contador sobre as cédulas, ele apenas seguiu a opinião geral de que havia algo estranho com aquela prosperidade do banco.

Uma denúncia era tudo que precisava o Banco de Portugal para fazer investigar o Banco de Angola e Metrópole, o que acabou acontecendo.

Na investigação, constatou-se que o banco possuía uma grande quantidade de cédulas de 500 escudos (P.130), todas verdadeiras. Em uma análise mais aprofundada, verificou-se que existiam cédulas com numeração duplicada e que não era possível dizer qual delas era a verdadeira.

Quando a notícia foi divulgada, o pânico se instalou. Todos queriam trocar as cédulas de 500 escudos (P.130), tipo Vasco da Gama. Diante do pânico e não havendo formas de distinguir as cédulas falsas das verdadeiras, o Banco de Portugal recolheu todas as cédulas de 500 escudos (P.130), o que fez vacilar toda a economia portuguesa.

Havia algumas diferenças entre as cédulas do Banco de Portugal e as da emissão de Alves Reis, mesmo estas sendo provenientes do mesmo impressor.

Na emissão verdadeira, o número das séries não ia além de 1AN. O Banco de Portugal nunca usava duas vogais juntas, de maneira que 1AE e 1AI foram impressas pela emissão de

Alves Reis. As letras W e Y, não deveriam existir por não fazerem parte do alfabeto português.

Após o recolhimento, *Waterlow & Sons* informou a existência de dois detalhes que diferenciavam as emissões: as cédulas emitidas para Alves Reis apresentavam letras em micro-caracteres, de "I a P" junto à flor-de-lis do canto inferior esquerdo do anverso e, na margem branca, o nome do fabricante vinha acompanhado de uma vírgula suplementar, *Waterlow & Sons**,** limited, Londre*s e não *Waterlow & Sons Limited, Londres,* como aparece na original.

Figura 8 – Detalhe da margem branca da cédula de 500 escudos (P.130), contendo o nome do impressor Waterlow & Sons, Limited, Londres, impressa com erro, o certo seria Waterlow & Sons Limited, Londres, sem a vírgula entre o nome e Limited. Esta seria uma das características das cédulas emitidas pelo grupo de Alves Reis, no entanto, é provável que algumas cédulas legitimamente emitidas tenham esta característica.

Alves Reis foi detido quando retornava de Angola, não oferecendo nenhuma resistência, sendo que teve oportunidade de fugir.

Depois de um processo complicado, Alves Reis foi condenado a 20 anos de prisão. Karel Marang foi processado na Holanda e condenado a uma pena ínfima. Em seguida, mudou-se para Cannes, lá passando o resto de seus dias, muito rico.

O Banco de Portugal acionou *Waterlow & Sons* em Londres, obtendo em 1932 uma indenização equivalente a £ 650 000.

Interessante notar a atuação dos tribunais ingleses e o valor da indenização. Quando da apuração de responsabilidades e da indenização demandada à *White Star Line,* proprietária do *Titanic*, que pertencia ao grupo americano *International Mercantile Maritime Company*, cujo principal acionista era *J.P. Morgan*, o valor repartido entre os familiares das vítimas chegou a $ 663 000. Esta sentença foi data em 1916 pelos tribunais ingleses, que concluíram ainda pela ausência de discriminação em relação aos passageiros da 3ª classe, embora tenha sido constatado que o número de mortos naquela classe tenha sido muitas vezes superior ao da 1ª classe, mesmo entre as crianças.

Em relação ao Banco de Portugal a indenização foi exemplar, concluindo pela total responsabilidade do impressor, compreendendo todo o montante das cédulas resgatadas. No entanto, acreditamos que os tribunais ingleses tenham sido muito mais rigorosos em relação à *Waterlow & Sons* do que em relação ao grupo *J.P. Morgan* no que diz respeito às indenizações.

Bibliografia

- BLOOM, Murray Teigh. ***O Homem que Roubou Portugal.*** Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1966.
- Grace's Guide – British Industrial History - ***Waterlow and Sons: 1934 Review*** - British Commerce and Industry 1934.
http://www.gracesguide.co.uk/Waterlow_and_Sons:_1934_Review
- INNES, BRIAN. ***Fakes & Forgeries***: the true crime stories of history's greatest deceptions: the criminals, the scams, and the victims. Reader's Digest, London, 2006.
- CUHAJ, George S. ***Standart Catalog of World Paper Money – General Issues*** (1368-1960), Krause Publications, 12th edition, Iola, 2008.
- CUHAJ, George S. ***Standart Catalog of World Paper Money – Modern Issues*** (1961-Present), Krause Publication, 15th edition, Iola, 2009.
- ***TITANIC, 100e anniversaire***. Le magazine hors série. Montreal, 2012.
- TRIGUEIROS, F. dos Santos. ***Dinheiro no Brasil.*** Léo Christiano Editorial, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1987.

(*) Marcio Sandoval
E-mail: marciosandoval@hotmail.com
Blog: http://sterlingnumismatic.blogspot.ca

Filatelia temática
A importância de um bom plano

Numa coleção temática competitiva, um plano bem construído tem valor excepcional. O plano, que é livre escolha do colecionador, é a melhor introdução para a compreensão do tema escolhido. Portanto, ele deve ser suficientemente detalhado para que a estrutura principal do tema e suas subdivisões estejam claramente definidas.
O plano deve ser:
coerente com o título da coleção, isto é, plano e título devem refletir características específicas do tema;
correto no sentido de cientificamente justo;
lógico, isto é, deve ter uma ordem racional, sem capítulos supérfluos ou deslocados;
equilibrado, ou seja, todas as partes da coleção têm a mesma importância;
compreensível e completo, quer dizer, a inclusão de diferentes aspectos do tema possibilitam uma melhor visão do desenvolvimento;
original, isto é, o plano deve ser mais do que uma simples lista de conteúdo.
Conclusão: um plano bem feito leva a um desenvolvimento igualmente bem sucedido.

Fonte: MIGOUX, Robert. La Philatélie Thématique. Paris, 1995.

SANTOS DUMONT

Ivo Casagrande - Curitiba, PR

Aos 12 de abril de 1933, em louvável iniciativa, a Sociedade Numismática Brasileira, então presidida pelo Dr. Álvaro de Salles Vieira, apresentava ideia que marcaria presença no Ministério dos Negócios da Fazenda do Brasil.

Por objetivo, levar ao meio circulante, de mão em mão, a imagem de Alberto Santos Dumont, fama consagrada, honra e orgulho dos quarenta milhões de brasileiros, na época, e, para seus sucessores.

Casual, ou providencial, foi o momento, posto que, prestes estava a merecer aprovação do Senhor Ministro da Fazenda, Dr. Oswaldo Aranha, medalha de bronze, retratando o insigne personagem.

Seguia o tempo, a Casa da Moeda prosseguia em seus trabalhos, técnicos estavam imbuídos já há algum tempo, em definir caracteres destinados a um novo projeto, o da cunhagem de uma moeda em prata no valor de 5$000 (cinco mil réis).

Hoje e aqui, indelével recordação, o propósito da Sociedade Numismática Brasileira está cunhado.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
NO THESOURO NACIONAL
038639
50
CINCOENTA MIL REIS
VALOR RECEBIDO

GIBRALTAR
História Postal em selos

Fábio S. Flosi - Barueri, SP (*)

Em 2007, a Administração Postal de Gibraltar lançou uma série de quatro selos para comemorar os 150 anos de criação dos Correios, série esta em que é contada um pouco da História Postal desse país. Trata-se de uma série bastante interessante sob o ponto de vista didático, uma vez que atrás de cada selo foi impresso um pequeno texto explicando uma parte de tal história. Em seguida, um pouco a respeito de Gibraltar e dos quatro selos emitidos.

1 – A Geografia de Gibraltar

Trata-se de um território ultramarino pertencente ao Reino Unido ou UK (**U**nited **K**ingdom). Possui uma superfície de 6,5 km^2 e uma população da ordem de 30.000 habitantes (estimativa de 2009). A língua oficial é o Inglês e a moeda é a libra esterlina (GBP), tal como ocorre na Grã-Bretanha. O clima é temperado, com invernos moderados e verões não muito quentes.

Gibraltar é uma pequena península que está localizada ao sudoeste da Espanha, fazendo fronteira com este país (na cidade de *La línea de la Concepción*), e ao noroeste da África, da qual está separada pelo Estreito de Gibraltar. Este último interliga o Oceano Atlântico Norte com o Mar Mediterrâneo e é uma das vias marítimas mais movimentadas do mundo, por onde passa um navio a, aproximadamente, cada seis minutos (**figura 1**).

Figura 1 - A Geografia de Gibraltar
Acima: Localização. À direita: Mapa ampliado
Fonte: https://maps.google.com

2 – A História dos Correios de Gibraltar

Os Correios de Gibraltar foram criados em 1º de Janeiro de 1857, quando a Agência de Pacotes e o Correio por Terra foram unidos sob o controle do agente geral dos Correios da Grã-Bretanha e Irlanda. Portanto, 2007 marcou o 150º aniversário desse evento.

No momento da criação dos Correios de Gibraltar, a Agência de Pacotes tinha suas instalações localizadas na travessa Turnbull. Por outro lado, os Correios por Terra operavam no escritório do Secretário Colonial, localizado na travessa do Secretary.

Edmund Creswell (Agente dos Correios em 1831) conseguiu um financiamento por parte de Londres para a construção de uma nova instalação para os Correios de Gibraltar.
O trabalho para construção do novo prédio foi iniciado imediatamente. Ele foi inaugurado no dia 1º de setembro de 1858. Estes são os Correios que estão operando até hoje; a empresa está localizada na Main Street, Nº 104.

3 – A série de quatro selos

Ela foi emitida em 26 de setembro de 2007, com os seguintes valores faciais: **8p**, **40p**, **42p**, **£1.**

£ é o símbolo da moeda (*libra esterlina*) usada na Grã-Bretanha (*pound* ou *sterling*, em inglês). Ela é dividida em 100 pence, que é o plural de penny (p). Também se usa *pennies* para o plural de *penny*.

Os selos medem 40 mm x 30 mm e foram impressos em litografia offset. Denteação: 14 ¼ x 14. Os números do catálogo Yvert & Tellier são, respectivamente: 1216, 1217, 1218 e 1219.

Os eventos ilustrados nos selos não aparecem na mesma ordem dos valores faciais (nem crescente, nem decrescente). Assim, em seguida, os selos serão apresentados na ordem cronológica dos eventos mostrados.

4 - O selo de "40p" (Yvert # 1217)

Figura 2 - O selo de "40p". 150º aniversário da criação dos Correios de Gibraltar: 1º de janeiro de 1857.

Tanto a frente como o verso do selo são reproduzidos na **figura 2**. O texto impresso no verso diz o seguinte:
*"**Em 1º de janeiro de 1857**, os Correios de Gibraltar foram criados através da união da Agência Marítima de Pacotes e dos Correios por Terra, com o intuito de processar todas as correspondências de Gibraltar. Os Correios inicialmente utilizaram o último carimbo de Gibraltar, da Agência de Pacotes, mostrado aqui."*

O selo exibe um envelope contendo, no canto direito superior, um carimbo datador

circular com os dizeres: *“GIBRALTAR – 30AU - 1857”*. Ao fundo aparece uma foto antiga do prédio dos Correios de Gibraltar.

5 - O selo de “£1” (Yvert # 1219)

Figura 3 - O selo de “£1”. 150º aniversário da inauguração, por Gibraltar, da primeira agência postal Britânica no Marrocos: 1º de abril de 1857.

As duas faces do selo podem ser vistas na **figura 3**. O texto que está no verso menciona o seguinte fato: *“**Em 1º de abril de 1857**, a primeira agência postal Britânica no Marrocos foi estabelecida em Tangier e colocada sob o controle de Gibraltar. O envelope mostrado é a carta mais antiga do Marrocos, processada pela agência postal Britânica e enviada via Gibraltar.”*

O selo exibe uma carta enviada para Londres, via Gibraltar. *Tangier* (ou *Tanger)* fica ao norte do Marrocos, na África, a cerca de 60 km de Gibraltar, conforme pode ser visto no mapa da **figura 1**.

6 - O selo de “42p” (Yvert # 1218)

Figura 4 - Selo de “42p”. 150º aniversário da introdução dos selos postais Britânicos em Gibraltar: 3 de setembro de 1857.

Na **figura 4**, estão reproduzidos a frente e o verso do selo. O texto que está no verso diz: *“**Em 3 de setembro de 1857**, os selos postais Britânicos foram, pela primeira vez, colocados à venda nos Correios de Gibraltar, para portear cartas. Eles foram obliterados com um carimbo característico formado pela letra “G” no interior de uma oval e listrada transversalmente”.*

O selo exibe um envelope registrado da época, destinado à cidade de Londres (London).

7 - O selo de “8p” (Yvert # 1216)

Figura 5 - O selo de “8p”. Centenário do abandono, por parte de Gibraltar, do controle do serviço postal Britânico no Marrocos: 1º de janeiro de 1907.

Tanto a frente como o verso do selo são mostrados na **figura 5**. O texto impresso no verso diz o seguinte: *“**Em 1º de janeiro de 1907**, os Correios de Gibraltar deixaram de ter responsabilidade pelo serviço postal Britânico no Marrocos, mas os*

selos e os inteiros postais de Gibraltar permaneceram válidos até 28 de fevereiro de 1907. Este cartão postal de Fez foi utilizado no último dia de sua validade."

No selo, uma lupa sobre um carimbo um datador circular**:** *"BRITISH POST OFFICE".*

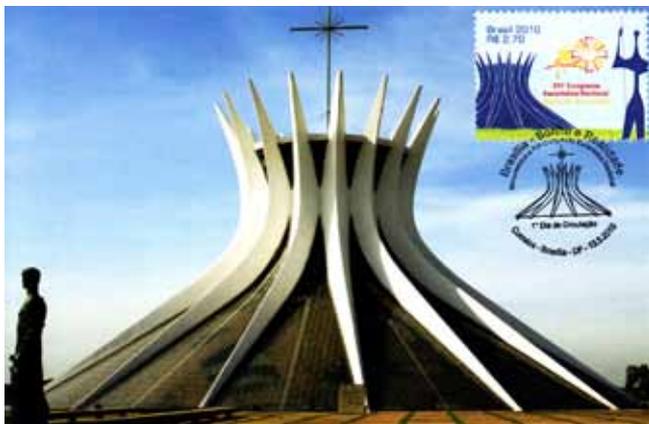
8 – Referências

a) Atlas National Geographic. Editora Abril, 2008: www.comprecolecoesabril.com.br
b) Gibraltar Stamps. The Gibraltar Philatelic Bureau: www.gibraltar-stamps.com
c) Catálogo Yvert & Tellier. Volume II - 2012. Timbres d'Europe: www.yvert.com
d) Google Maps: https://maps.google.com/maps

(*) Fábio Serra Flosi
(ABRAJOF, AFSC, CFB, CTC, FEFIBRA, SPP)
fabioflosi@hotmail.com
Caixa Postal – 1063
06455-972 - Barueri, SP

Você sabia...

O máximo postal "Catedral de Nossa Senhora Aparecida", criado pelo colecionador Aluísio Queiroga, de Brasília, foi eleito "Melhor máximo postal brasileiro 2010", em votação de âmbito nacional e realizada anualmente. Concorreu ao prêmio de "Melhor máximo postal do mundo 2010", ficando classificado em décimo lugar e, recentemente, foi ilustração de uma reportagem publicada pela revista Flash (periódico oficial da FIP - junho/2012).

A Maximafilia brasileira está de parabéns pelo destaque conquistado no cenário mundial. Entre muitos entusiastas, citamos Ernani Rebello (autor da foto que ilustra o máximo postal mostrado aqui), Aluísio Queiroga (que acaba de conquistar também o título de "Melhor máximo postal brasileiro 2011") e Agnaldo de Souza Gabriel, atual delegado brasileiro na Comissão de Maximafilia da FIP.

Máximo postal "Catedral de Nossa Senhora Aparecida"
Selo: Emissão: 13 de maio de 2010,
Comemorativo ao XCVI Congresso Eucarístico Nacional.
Cartão-postal: Edição Schmittstamps, Florianópolis, SC.
Carimbo comemorativo de 1º dia, Brasília. Imagem concordante.

Carimbos com "dedos apontados"

Lucia Milazzo - Florianópolis, SC

Ao ler o jornal filatélico americano Linn's Stamp News de 14.5.2012, publicado on-line, deparei-me com um assunto interessante e que passa despercebido para muitos filatelistas. Trata-se do carimbo postal que mostra um dedo apontado.

No artigo, o filatelista John M. Hotchner começa afirmando que quando marcas de dedos apontados aparecem em envelopes americanos, normalmente querem dizer más notícias, especificamente que cartas, faturas, avisos não podem ser entregues.

O autor diz que há quarenta anos vem colecionando esses tipos de marcas postais. Ele afirma que as razões para o não envio das correspondências postadas podem ser bem simples, como exemplo, o destinatário que se mudou sem deixar seu novo endereço ou podem ser verdadeiramente incomuns, como o caso mostrado na figura 1.

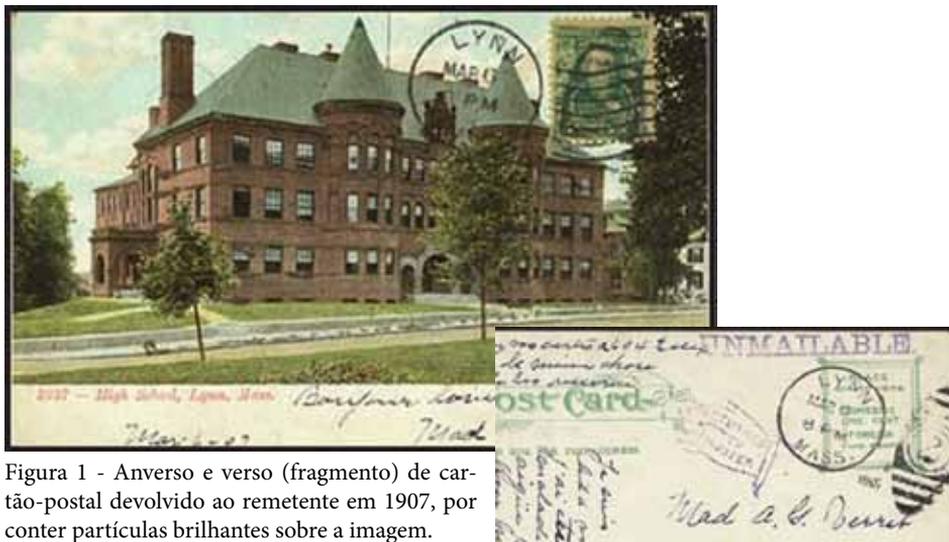



Figura 1 - Anverso e verso (fragmento) de cartão-postal devolvido ao remetente em 1907, por conter partículas brilhantes sobre a imagem.

Na figura 1, o autor apresenta um cartão-postal de 1907 que traz o carimbo do dedo apontado e também o carimbo "unmailable" (não pode ser despachado). Explica o autor que a falta do selo no verso do cartão não seria a causa do não envio, pois o selo está no anverso. O problema, escreve ele, estaria nas partículas de brilho, coladas sobre a figura do anverso do cartão. O Departamento de Correios constatou que esse material se desprendia quando em trânsito, prejudicando as máquinas obliteradoras. Então, ficou decidido que tais tipos de cartão não poderiam ser despachados, a menos que estivessem dentro de envelopes.

Figura 2 - Exemplo do carimbo americano de retorno ao remetente, com o "dedo apontado". O carimbo diz: "Tempo autorizado para reenvio esgotado. Último endereço conhecido do destinatário indicado abaixo".

Segundo Hotchner, se ele tivesse de escolher, de sua coleção de envelopes, aquele cujo uso de um carimbo com a marca do dedo apontado fosse o mais interessante, não seria um desses típicos de "retorno ao remetente" (Return to sender), mas sim o envelope Naval de 1942, mostrado na figura 3.

Figura 3 - Envelope naval de 1942, com carimbo datador contendo um "dedo apontado" para chamar a atenção para a etiqueta "VIA AIR MAIL".

Nesse envelope, explica o filatelista, a marca do dedo apontado vem no carimbo datador, apontando - intencionalmente, imagina Hotchner - para a etiqueta "AIR MAIL". Ele diz, ainda, que a carta contida no envelope não tinha grande urgência, mas foi escrita no dia de Ação de Graças (Thanksgiven Day) de 1942, trazendo sugestões para a irmã do remetente sobre os preparativos para o Natal. O remetente também pedia à irmã que descobrisse onde estaria sendo entregue sua assinatura do jornal Dallas News.

No caso desse envelope, comenta o autor, o remetente estava a bordo do USS Phoenix, um navio de guerra americano, de acordo com o endereço de remetente constante no envelope.

O autor ainda tece comentários sobre o destino do navio, que estava no porto de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, não sendo atingido no ataque japonês; que na época em que essa carta foi escrita o navio participava de uma escolta no sudoeste do Pacífico; que, em 1951, foi vendido para a Marinha Argentina. O navio participava da guerra das Malvinas, em 1982, quando foi afundado pelo submarino nuclear britânico "HMS Conqueror".

Para encerrar o artigo, Hotchner diz que esses comentários feitos sobre o navio estariam bem longe do assunto sobre o dedo apontado no carimbo datador naval, mas que tais comentários podem ilustrar como um envelope, quando bem analisado, pode revelar conexões inesperadas e interessantes.

O artigo traz ainda, para aqueles que gostam de marcas postais, o seguinte endereço eletrônico: www.postal-markings.org Acho que vale a pena conferir.

A AFSC convida para suas reuniões regulares.
Quintas-feiras, a partir das 18 horas.
Sábados, a pardir das 14h30min.
Vendas sob Ofertas no último sábados de cada mês (de abril a novembro).

Para anunciar no boletim
Santa Catarina Filatélica:

Página inteira:	R$ 60,00
Meia página:	R$ 40,00
Terço de página:	R$ 30,00
Quarto de página:	R$ 20,00

Próxima edição:
março de 2013

O Colecionismo depende de todos nós.

Inteiros postais “MULREADY”

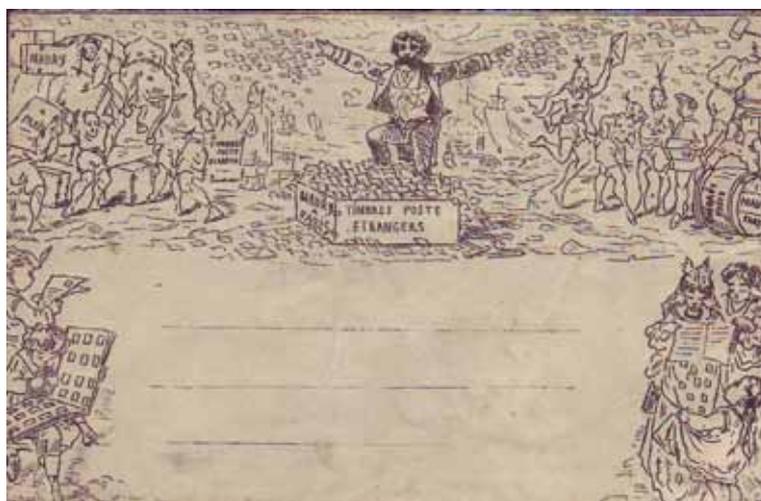
Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Com a reforma postal inglesa, na primeira metade do século XIX, foram introduzidos os selos postais adesivos, o pioneiro Penny Black. Ocorre que foram introduzidos também “envelopes pré-selados”, que foram colocados à venda em 1º de maio de 1840, para serem utilizados a partir do dia 6 de maio, tal como os selos. Esses envelopes foram chamados de “Mulready”, nome do desenhista idealizador das ilustrações (William Mulready).

Existiram em duas cores, preto e azul, sendo o primeiro de 1 Penny e o segundo de 2 Pence - as mesmas cores e valores faciais dos selos postais adesivos emitidos naquela ocasião. Os desenhos foram transferidos sobre latão, pelo gravador John Thompson.

Os desenhos incorporavam imagens da Britânnia, na parte superior central, com um escudo e um leão deitado. Aos lados há representações dos continentes da Ásia e América do Norte, com pessoas em diversas atividades e, nas margens, pessoas lendo correspondências.

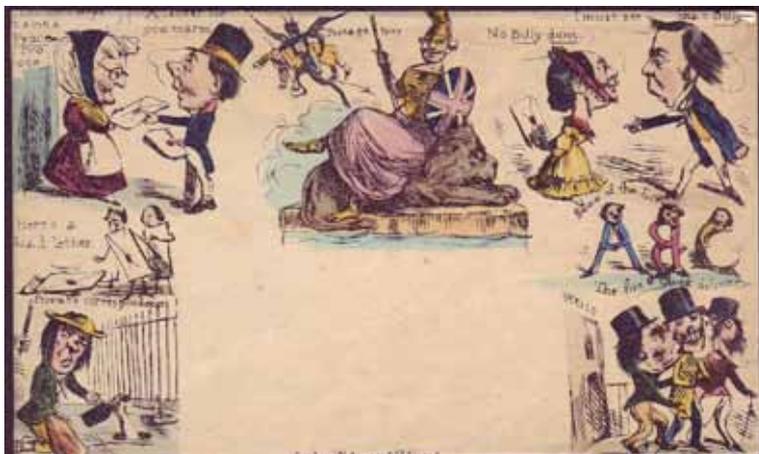
Havia grande expectativa em torno desse projeto, que não foi bem aceito. Logo se generalizaram as críticas, pela interpretação como uma tentativa da área governamental de controlar o fornecimento de envelopes e do fluxo de informações transportadas pelo sistema postal, que

havia se tornado monopólio no âmbito das reformas. Mas foram as caricaturas satíricas o que mais chamou a atenção. Tanto que Rowland Hill, apenas seis dias após entrarem em vigor, registrou em seu diário em 12 de maio: “*I fear we shall have to substitute some other stamp for that design by Mulready ... the public have shown their disregard and even distate for beauty*” (Temo que teremos de substituir alguns outros selos para esse projeto do Mulready ... o público tem mostrado seu desprezo e até mesmo repugnância pela beleza).

Exemplar de cerca de 1870, provavelmente de M. Maury, de Paris.

Raro exemplar de “caricutura” circulado, em abril de 1840,
desenho atribuído a Thomas White.

Exemplar de cerca de 1840, provavelmente de Leech
e relativo a Sir James Graham.

Desenho atribuído a R. W. Hume.

Exemplar conhecido como caricatura Spooner nº 6.

Exemplar conhecido como caricatura Spooner nº 9.

Exemplar conhecido como caricatura Spooner nº 2.

Passados dois meses, já havia a decisão de se substituir os envelopes pré-selados Mulready. Ao que consta, os estoques existentes foram destruídos. Todavia, permaneceram em uso por mais alguns anos, sendo que o exemplar mais antigo (Two Pence, mostrado na página 31) é datado de 24 de maio de 1848.

A idéia era boa, pois simplificava a remessa postal de pequenas mensagens, não sendo necessário envelope, papel com a missiva e ainda a colocação do selo para comprovar o franqueamento. Todavia, aquele trabalho, inovador, somente veio a ser adotados muitos anos mais tarde, sendo comum hoje os inteiros postais e aerogramas, considerados “pré-selados”.

Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina

Fundada em 6 de Agosto de 1938

Fone/Fax (48) 3222-2748 – Caixa Postal 229

CEP 88010-970 – Florianópolis – SC

www.afsc.org.br

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____________________

Endereço ou Cx. Postal: ____________________

CEP: ________ Cidade: ____________ Estado: ______

Telefone: __________ Profissão: ____________

Sexo: ________ Data de nascimento: ____________

E-mail: ____________________

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: __________ Assinatura: ____________________